

PARQUES URBANOS DE GOIÂNIA-GO: DINÂMICA ESPACIAL E POTENCIAL TURÍSTICO

Carolina Ferreira da COSTA¹; Ivanilton José de OLIVEIRA²

Instituto de Estudos Socioambientais – IESA

E-mail: ocorreio@ymail.com¹; ivanilton.oliveira@gmail.com²

Palavras Chave: Parques Urbanos. Goiânia. Potencial Turístico.

1 – INTRODUÇÃO

A preservação dos recursos naturais e a manutenção da qualidade de vida assumiram posições de destaque na administração pública, nas últimas décadas, haja vista a frequência e intensidade dos casos de degradação ambiental, a ameaça de extinção de diversos recursos naturais e o crescente anseio da sociedade por ambientes ecologicamente saudáveis.

Partindo dessa conjuntura, uma das tendências observadas na gestão pública de diversas cidades brasileiras tem sido a criação de parques urbanos, tendo em vista que estes não apenas contribuem para a conservação ambiental, mas também tornam mais agradável o cotidiano de quem reside nas grandes cidades.

Considerando o caráter distintivo que os parques estabelecem na paisagem urbana, outro aspecto que pode relacionar-se a esses espaços é o turismo. Segundo Furegato (2005), a atividade turística nessas áreas verdes pode decorrer de fatores como valorização cultural, marketing, situação geográfica favorável, além do vínculo afetivo que se estabelece entre os moradores e o meio. Entretanto, a autora lembra que, apesar da apropriação pelo turismo, geralmente, esses parques são construídos, em primeira instância, para os habitantes locais.

As diversas funções ecológicas e sociais atribuídas aos parques urbanos, bem como seu potencial turístico, tornam esses espaços objetos de estudo de grande relevância para a compreensão da dinâmica urbana atual, contexto em que se insere o município de Goiânia, cidade que se destaca dentre aquelas com área urbana mais verde do país (MARTINS JÚNIOR, 2007).

Atualmente Goiânia possui 24 parques urbanos, distribuídos por diversas regiões do município. Mas, é importante ressaltar que a crescente valorização das áreas

verdes e, por conseguinte, o interesse do mercado imobiliário por esses espaços, tem promovido o favorecimento de determinados parques em detrimento de outros.

Outro aspecto que também se relaciona à dinâmica dos parques goianienses é a atividade turística, já que as referidas áreas verdes são divulgadas como cartões postais da cidade. No entanto, existe uma infraestrutura destinada ao suporte da atividade turística nesses espaços? Considerando a premissa de que uma cidade boa o suficiente para os próprios habitantes, realmente é excepcional ao turismo (YÁZIGI, 1996), pode-se dizer que os parques urbanos de Goiânia são potencialmente turísticos?

Tendo em vista esses questionamentos, bem como a diversidade de valores e atributos relacionados aos parques goianienses, esta pesquisa tem como objetivo a análise do desempenho dos parques urbanos na dinâmica de Goiânia, bem como seu potencial turístico, tendo como suporte teórico-metodológico as categorias de análise espacial propostas por Santos (1997): forma, função, processo e estrutura.

2- METODOLOGIA

Com relação aos procedimentos adotados para a operacionalização dessa pesquisa serão seguidas as seguintes etapas:

1. levantamento e compilação das informações textuais e documentais referentes às dimensões, histórico, infraestrutura, funcionalidades, dentre outros aspectos característicos dos parques urbanos de Goiânia;
2. realização de trabalhos de campo nos parques, para observação, registro fotográfico, cotejamento entre a infraestrutura real e aquela descrita nos textos e documentos anteriormente consultados e aplicação de questionários; e nos órgãos públicos de interesse para a pesquisa, tais como a AMMA – Agência Municipal do Meio Ambiente e a SEMTUR – Secretaria Municipal do Turismo, com vistas a aquisição de dados e a realização de entrevistas com os técnicos responsáveis pelos parques;
3. elaboração de produtos cartográficos (mapas e cartas-imagem) em ambiente SIG (Sistema de Informações Geográficas), com vistas à localização dos parques no contexto urbano e a identificação e caracterização das áreas verdes selecionadas como estudo de caso.

4. interpretação, análise e representação gráfica e tabular dos dados obtidos no levantamento bibliográfico e nos trabalhos de campo;
5. cotejamento entre as formas, funções, processos, e estruturas inerentes aos parques, analisando, respectivamente, os mapas elaborados; as observações, registros e resultados obtidos pelas entrevistas e questionários; a contextualização histórica e espacial; e, o modo como os parques se inserem nas políticas públicas, na dinâmica imobiliária, dentre outras conjunturas; o que permitirá identificar possíveis correlações entre as referidas categorias geográficas;
6. identificação do potencial turístico dos parques urbanos, considerando seu desempenho na dinâmica de Goiânia, as políticas públicas relacionadas à promoção do turismo no município e a comparação desses parques com outros onde já se estabeleceu a atividade turística.

3 – DISCUSSÃO TEÓRICA

Segundo Ottoni (1996), a tradição de uso do espaço aberto verde na cidade inicia-se na Inglaterra do século XVII, com a abertura ao público do antigo campo de caça da Coroa, o Hyde Park, e com o surgimento das primeiras praças arborizadas entre elegantes bairros residenciais, onde se estabeleceu a burguesia inglesa.

Entretanto, após a Revolução Industrial, com o aumento da população das cidades e a deterioração do ambiente urbano, as propostas de ordenação das cidades passaram a incluir espaços verdes com o intuito de melhorar a salubridade da cidade e proporcionar lazer a população, como afirma Kliass (2003, p. 7):

O parque urbano é um produto da cidade da era industrial. Nasceu, a partir do século XIX, da necessidade de dotar as cidades de espaços adequados para atender a uma nova demanda social: o lazer [...] e para contrapor-se ao ambiente urbano.

No Brasil do século XIX, onde ainda não havia uma rede urbana expressiva, o parque urbano foi criado como um cenário complementar para as elites emergentes, que controlavam a nação em formação. Por esses espaços públicos passeava a nova aristocracia, exibindo um vestuário à francesa e imitando os hábitos parisienses. Já a massa urbana estava praticamente alijada de tais espaços (MACEDO; SAKATA, 2003).

Com o início do século XX, após a proclamação da república, o espírito de modernização do país incitou transformações urbanas que visionavam a salubridade e o embelezamento das cidades, contexto que estimulou a construção de praças, jardins e parques.

Inaugurada na década de 1930, Goiânia foi projetada por Atílio Corrêa Lima e Armando de Godoy, nos moldes das cidades-jardins inglesas, o que refletiu na criação de vários parques e áreas verdes pela cidade, tais como: o Parque dos Buritis; o Bosque dos Bandeirantes; o Parque Botafogo; os Parques Lineares Capim Puba e Botafogo; o Parque Paineira; o Parque Aquático Jaó; e, o Zoológico (MARTINS JÚNIOR, 1996, p. 44).

No entanto, do surgimento da capital até os dias atuais, grande parte das áreas verdes foram extintas devido a expansão do aglomerado urbano. Somente no perímetro delimitado pelo Plano Original da cidade, estima-se a perda de aproximadamente 3,5 milhões de m² de áreas verdes públicas (GOIÂNIA, 2007, p. 7)

Apesar dessa degradação, a partir da década de 1990, com a ascensão da temática ambiental, a causa ecológica tornou-se parte integrante das políticas públicas. A gestão de Darci Accorci, por exemplo, orientou seus discursos no sentido de afirmar Goiânia a partir do epíteto de “cidade ecologicamente correta”. Já na gestão seguinte, o prefeito Nion Albernaz considerou Goiânia a “cidade das flores”, procurando exaltar a qualidade de vida da cidade e promover a ideia de que Goiânia revestia-se de flores, mesmo que, na verdade, essa realidade se restringisse a poucas regiões da cidade, especialmente as centrais (ARRAIS, 2001, p. 184).

Seguindo essa mesma política, Iris Rezende praticamente quadruplicou o número de parques em Goiânia no período de 2005 a 2010, atingindo o total de 22 parques e bosques no fim de sua gestão. A prefeitura atribui esse fenômeno ao intenso investimento do poder público na preservação das áreas verdes da cidade, entretanto esse vertiginoso crescimento nos faz questionar os critérios e o modo de implantação adotados na criação desses parques.

Tendo em vista esse panorama histórico, e considerando que a complexidade de fatores a serem examinados na análise do contexto espacial pode ser fragmentada em termos de forma, função, estrutura e processo (SANTOS 1997, p. 51), a presente pesquisa, ainda em andamento, adotará as referidas categorias, para compreender a dinâmica espacial relacionada aos parques urbanos, considerando esta como parte importante da dinâmica do município de Goiânia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. G. *Ambiguidades e contradições no discurso de naturofilia e nas práticas turísticas*. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 18, p. 77-86, Editora UFPR, jul./dez. 2008.

ARRAIS, T. P. A. *Goiânia: as imagens da cidade e a produção do urbano*. In: CAVALCANTI, L. S. (org.) *Geografia da Cidade: a produção do espaço urbano em Goiânia*. Goiânia: Ed. Alternativa, 2001.

FUREGATO, M. C. H. *Parque Urbano Orquidário Municipal de Santos/SP: equipamento de lazer e turismo*. Revista Eletrônica Patrimônio e Lazer, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=36&bibliografia=1&#bibliografia_ancora>. Acesso em 11.05.2009.

GOIÂNIA. *Resgate do Berço Ecológico de Goiânia: atuação da SEMMA no período de 1993 a 1996*. Goiânia: Ed. Kelps, 2007. Disponível em: <<http://www.kelps.com.br/ecologia/arquivos/Resgate.pdf>>. Acesso em 28.09.2009.

KLIASS, R. *Apresentação*. In: MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. *Parques Urbanos no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. *Parques Urbanos no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

MARTINS JÚNIOR, O. P. *Uma cidade ecologicamente correta*. Goiânia: AB Editora, 1996.

_____. *Arborização Urbana & Qualidade de Vida: classificação dos espaços livres e áreas verdes*. Goiânia: Kelps/UCG, 2007.

OTTONI, D. A. B. *Introdução*. In: HOWARD, E. *Cidades-jardins de amanhã*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1996.

SANTOS, M. *Espaço e Método*. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.

YÁZIGI, E. *A alma do lugar*. São Paulo: Hucitec, 1996.